

RADAR



Universidade crítica se nega a morrer

Fotos: FRITZ NUNES

“A universidade crítica está morrendo?”. Há duas respostas para esta pergunta olhando de um ponto de vista dialético. De acordo com o professor do departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Edmundo Fernandes Dias, podemos responder com um “sim” e ao mesmo tempo com um “não”. É possível dizer que “sim” quando se considera um conjunto de elementos em que o mais nefasto é a subordinação das universidades às fundações de apoio. “Estas fundações primam apenas pelo lucro, dentro da lógica capitalista, em detrimento da produção do conhecimento”, afirma o docente, que já foi dirigente do



Edmundo: universidade é uma "trincheira" que não deve ser abandonada

ANDES- Sindicato Nacional e hoje, mesmo aposentado, faz parte da diretoria da Adunicamp. Pode-se afirmar que “não”, segundo ele, quando encontramos um conjunto de pessoas na universidade que não abdicaram da produção crítica, da resistência ao projeto que não é dos trabalhadores, mas das elites dominantes.

Edmundo Dias foi convidado da SEDUFSM para ministrar a palestra que ocorreu na terça, 18, pela manhã, no Auditório Gulerpe, campus da UFSM. Participaram da mesa de debates também, o professor Adriano Figueiró, do departamento de Geociências da UFSM, que foi o comentarista, e o professor Rondon de Castro, do departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, que coordenou os trabalhos. A atividade fez parte da programação de 19 anos da Seção Sindical dos Docentes da UFSM (SEDUFSM), comemorados no dia 7 de novembro. Cerca de 50 pessoas prestigiaram a palestra-debate.

Para Dias, a universidade só faz sentido se for um espaço crítico de construção da sociedade. O professor afirma que a universidade deve não somente formar quadros intelectuais, mas deve formar intelectuais que



Mesa de debates: Adriano Figueiró, Rondon de Castro e Edmundo Dias (ao microfone)

sejam capazes de transmitir o conhecimento de maneira crítica. “A universidade crítica deve ser capaz de construir elementos teóricos avançados que tenham aplicações práticas. Ela precisa trabalhar o senso comum da comunidade, senão vai trabalhar para ela mesma”.

A atual integração subalterna da universidade ao sistema capitalista mundial se traduz no cotidiano, segundo o sociólogo. Edmundo Dias analisa que a base social da universidade atual mudou em relação aos anos 1970. De lá para cá, os movimentos

sociais mudaram a radicalidade das suas ações. Dias afirma que o PROUNI é uma farsa, pois o público participa simbolicamente da universidade. “Intellectual não é aquele que possui um diploma de curso superior, mas aquele que é capaz de sugerir novas propostas para a sua classe”. O professor afirma ainda que, “a universidade é uma trincheira e não deve ser abandonada. Se a trincheira for abandonada cedemos espaço para outros”. A universidade crítica está viva somente porque há alguns poucos que ainda não abandonaram esta trincheira, sentenciou ele.

Militante transformado

Na condição de comentarista do painel, o professor Adriano Figueiró, do departamento de Geociências da UFSM, considerou que a morte da universidade crítica não é uma questão de maniqueísmo. Para ele, a universidade está sofrendo um processo progressivo de esvaziamento da criticidade. “A classe dominante quer acabar com o foco de crítica na universidade para tornar-se dirigente”.

Para Figueiró, mesmo o militante crítico tem se transformado, no sentido negativo, pois falta tempo para participar de atos públicos, e da militância propriamente dita. É preciso produzir *papers*, orientar alunos, etc.

Figueiró, que também já foi dirigente da SEDUFSM e do ANDES, avalia que os docentes são tutelados pelas fundações de apoio e pelos órgãos de financiamento como Capes e CNPq, que tolheriam a liberdade e a autonomia. “Se pede produção em quantidade, e a qualidade fica em segundo plano. Sem contar que a universidade se transformou em palco para disputas de poder e cargos”.

Já no espaço para questionamentos ao palestrante e ao debatedor, foram levantadas questões como: a adaptação dos professores ao sistema, “que andam conforme a maré”; cursos pagos dentro da universidade pública, entre outros assuntos.



Figueiró: a classe dominante quer acabar com a universidade crítica

TCU aperta o cerco contra as fundações

A enxurrada de irregularidades na gestão do dinheiro público que inunda a execução de contratos e convênios firmados entre Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), onde são incluídas as universidades, e as fundações de apoio à pesquisa, levou o Tribunal de Contas da União (TCU) a iniciar uma verdadeira ofensiva para tentar reduzir as fraudes. Depois de realizar auditorias em mais de 460 convênios firmados em pelo menos 14 estados e constatar crimes que vão desde contratações sem licitação até os mais graves desvios de finalidade, os ministros decidiram endurecer o discurso e obrigar o Ministério da Educação a editar uma norma regulamentando as relações entre as entidades, impondo uma série de restrições e regras às parcerias.

No acórdão publicado na sexta-feira, 28, o TCU não apenas estipula o prazo de 180 dias para que o ministério conclua a norma, como também lista cerca de 40 regras que devem constar no documento do Executivo. A orientação com ares de normatização feita pelo tribunal destaca proibições que deveriam parecer óbvias para os que administram recursos públicos, mas que foram “esquecidas” pelos gestores. Os ministros afirmam, por exemplo, que é preciso obedecer a princípios básicos da administração pública como o da publicidade, que exige a divulgação de todos os atos praticados pelas entidades. O tribunal foi além e determinou que a publicação dos dados inclua detalhes sobre os valores financeiros recebidos e administrados no contrato firmado entre as universidades e as fundações.

(Fonte: Correio Braziliense e www.andes.org.br)